



SEF vai perder um décimo dos investigadores até 2014 e não estão previstas admissões

José Bento Amaro

Sindicato teme retrocesso na operacionalidade e lembra que não há entradas de pessoal desde 2004

● O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) vai perder de 7% a 10% dos seus funcionários de investigação e fiscalização até 2014. O alerta foi comunicado ao secretário de Estado da Administração Interna. Teme-se que com a diminuição dos funcionários venha a diminuir a actividade operacional e que as fronteiras aéreas e marítimas fiquem fragilizadas e, em consequência, aumente a imigração ilegal, mas também o tráfico e contrabando.

“Os dados disponíveis indicam que, no final deste ano, poderão reformar-se entre 7% e 10% do pessoal da investigação. Como não há

quaisquer entradas previstas, será a operacionalidade dos serviços que será colocada em causa”, disse ao PÚBLICO o presidente do Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização do SEF, Acácio Pereira. Este responsável, depois de lembrar que os receios já foram comunicados ao Ministério da Administração Interna, através do secretário de Estado Filipe Lopo d'Ávila, lembrou ainda que a última entrada de pessoal “ocorreu em 2004”.

Acácio Pereira, que tomou posse recentemente como presidente do sindicato, diz que “a situação pode ainda agravar-se mais, pois não subsiste apenas o problema da diminuição de pessoal”. O sindicalista lembra também “que é preciso ter em conta que a preparação para a abertura de um concurso demora um ano”. “Depois, passa outro ano até o curso se concluir e, por fim, são necessários, pelo menos, mais seis meses até que os novos inspectores come-

cem a produzir em pleno”, explica.

Actualmente o SEF tem 806 funcionários de investigação e fiscalização espalhados pelo continente e ilhas. De acordo com os sindicalistas este pessoal está em todos os aeroportos nacionais e em mais de uma dezena de portos e marinas. “Só no aeroporto de Lisboa, onde no ano

14 milhões de passageiros passaram no ano passado pelo aeroporto de Lisboa, dos quais o SEF fiscalizou cinco milhões

passado passaram 14 milhões de passageiros, foram fiscalizadas cinco milhões de pessoas”, adianta Acácio Pereira, lembrando que o efectivo existente foi calculado com base nas necessidades do ano 2000, numa altura em que não havia ainda pessoal colocado nos portos e marinas.

“A realidade migratória e do con-

trolo aéreo e marítimo alterou-se substancialmente. Hoje é necessário ter mais funcionários porque também existem novas especializações”, reforça.

“O SEF é a única entidade que faz o controlo de passaportes, porque essa é uma tarefa específica e complexa. O que está a acontecer é que em determinadas áreas do país, como por exemplo em Setúbal e em Albufeira, que são zonas críticas, cada vez com mais gente e mais trabalho, já faltam inspectores para assegurar o curso normal das tarefas”, acrescentou Acácio Pereira.

O presidente do sindicato, depois de afirmar que o secretário de Estado se mostrou “receptivo” para tentar solucionar os problemas que lhe foram comunicados, lembrou ainda que “no SEF há muitos anos que se faz o que o Governo agora pretende, que é fazer mais com menos gente e menos meios, mas isso não é possível para sempre”.